



## DESIGUALDADE SOCIAL E MORFOLOGIA URBANA DAS CIDADES DE ASTORGA (PR) E ALTO PARANÁ (PR), BRASIL

## SOCIAL INEQUALITY AND URBAN MORPHOLOGY OF THE CITIES OF ASTORGA (PR) AND ALTO PARANA (PR), BRAZIL

**Izabela Fontana Contardi**

Universidade Estadual de Maringá, UEM  
Av. Colombo, 5790 – Campus Universitário, Maringá – PR  
CEP 87020-900  
E-mail: [iza.fontana@hotmail.com](mailto:iza.fontana@hotmail.com)

**Angela Maria Endlich**

Universidade Estadual de Maringá, UEM  
Av. Colombo, 5790 - Campus Universitário, Maringá – PR  
CEP 87020-900  
E-mail: [amendlich@hotmail.com](mailto:amendlich@hotmail.com)

### Informações sobre o Artigo

Data de Recebimento:  
08/2017  
Data de Aprovação:  
08/2018

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo contribuir para os estudos de morfologia urbana, sobretudo em pequenas cidades, para que haja uma desmistificação de interpretações equivocadas e idealizadas em relação ao desenvolvimento dessas cidades quanto as condições sociais e humanas. Ambas as cidades escolhidas, como outras localizadas no Norte do Paraná, foram previamente planejadas e possuem características semelhantes quanto ao espaço inicialmente ocupado. A cidade de Astorga foi fundada na década de 1950, contando com

iniciativa privada planejada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. Alto Paraná, foi fundada na década de 1940 e teve iniciativa privada planejada pela Imobiliária Ypiranga. A partir da malha urbana dos municípios, nota-se que a falta de ritmo no desenvolvimento da cidade ocasiona disparidade urbana e social. Assim, esses aspectos são encontrados tanto em grandes quanto em pequenas cidades, mesmo que de modo tênue.

**Palavras-chave:** Morfologia Urbana; Astorga; Alto Paraná; Pequenas Cidades; Norte do Paraná.

### **Abstract**

This present study aims to contribute to studies of morphology, especially in small towns, so that there is a demystification of misinterpretations regarding the development of these cities in the humanities and social conditions. Both cities were previously planned and have similar characteristics as the organization in space. The town of Astorga was founded in the 1950's, relying on the private enterprise planned by Companhia Melhoramentos Norte do Parana. Instead, Alto Paraná was founded in the 1940's and has had particular enterprise planned by Ypiranga real estate agency. In accordance with municipal urban mesh, one notices that the lack of rhythm in city's urban development leads to urban and social disparities. Thus, these aspects are found as large as small cities, even in a subtle way.

**Key words:** Urban Morphology; Astorga; Alto Parana; Small towns; Northern Parana.

## 1. Introdução

A sociedade contemporânea torna-se cada vez mais urbana e expressa em diversos tipos de assentamentos humanos. Estudar o processo de urbanização e os vários tipos de cidades é necessário, em especial, para subsidiar o planejamento e a gestão desses espaços. É assim que são evidenciados fenômenos como a desigualdade socioespacial, expressão territorial de parte das contradições sociais.

Estudar a morfologia urbana é parte do trabalho que busca desvendar essas relações e suas expressões concretas. Pode-se dizer, então, que a morfologia urbana trata da estrutura vinculada ao plano da cidade, de modo que há associação entre a forma e o fenômeno que a causa. A morfologia revela os processos socioespaciais. Esse trabalho desenvolve-se nessa perspectiva.

A morfologia urbana é estudada a partir de diferentes tipos de abordagens permitindo a interpretação da forma da cidade. Evidenciando o estudo das obras *Capitalismo y Morfologia Urbana em España* (1983), *Urban Morphology as an emerging and interdisciplinary Field* (1997) e *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade* (2004) e seus respectivos autores Horácio Capel, Anne Vernez Moudon e José Lamas, será possível considerar essas várias possibilidades de abordagens e definições de morfologia urbana.

Como referencial empírico foram escolhidas duas pequenas cidades, baseada nas características de suas malhas urbanas, na qual o padrão urbanístico e social é visivelmente heterogêneo e descontínuo no decorrer da mesma.

Embora enfocando o plano urbanístico, é preciso atenção ao papel dos agentes históricos, institucionais e das condições econômicas, culturais, sociais e políticas nos processos de urbanização e industrialização (OLIVEIRA, 2001).

Para as cidades de Alto Paraná e Astorga no período de 1945 a 2015, vale incorporar as definições de Lamas (2004) que aponta que um estudo morfológico deve ter em conta os níveis ou momentos de produção do espaço urbano, na qual se ocupa da divisão do meio urbano em partes e da articulação deles entre si com o conjunto que definem. O que remete para a necessidade de identificação e clarificação dos elementos morfológicos quer em ordem à leitura ou análise do espaço, quer em ordem à sua concepção ou produção.

Moudon (1997) correlaciona morfologia urbana com diferentes níveis de resolução, sendo eles edifícios e seus espaços abertos correlatos, lotes urbanos e ruas. Segundo ela, a forma urbana somente pode ser compreendida historicamente de modo a analisar a evolução da cidade desde sua formação até suas subsequentes transformações.

Capel (1983) identifica o fenômeno pertencente aos interesses de agentes como os proprietários dos meios de produção, promotores imobiliários e empresas de construção e organismos públicos. Sendo assim, a prática e as estratégias desses agentes moldam a morfologia das cidades.

O trabalho estrutura-se na descrição de etapas históricas do Norte do Paraná, bem como a conceituação e análise da morfologia urbana em pequenas cidades, vinculadas à desigualdade social a partir da diferença de ritmo no desenvolvimento dessas cidades. Assim, a junção desses elementos estruturais amolda-se às cidades de Astorga e Alto Paraná.

## **2. Material e Métodos**

Os procedimentos metodológicos foram: levantamento e revisão bibliográfica sobre a morfologia urbana no âmbito da Geografia e da Arquitetura e Urbanismo com o objetivo de verificar a natureza dos trabalhos realizados e sua variedade, levantamento de dados, de planos e imagens das cidades de Alto Paraná e Astorga para subsidiar a análise de suas morfologias, além de visitas a campo como análise prática.

Tais procedimentos serviram para base de comparação dos conceitos de morfologia urbana perante os campos científicos mencionados, assim como evidenciar e comprovar as características socioespaciais das cidades estudadas. Outra ferramenta para análise são os planos urbanos, documentos expressivos para tratar da morfologia urbana, pois a partir dela será possível fazer uma análise dos problemas urbanos e, conseqüentemente, sociais.

Assim, este trabalho teve como objetivo, do ponto de vista teórico, apreender os diferentes tipos de estudos que se apresentam como de morfologia urbana no âmbito da Geografia Urbana e da Arquitetura e Urbanismo, verificar as diferenças e selecionar as que estão vinculadas aos propósitos deste trabalho que são as contribuições para o estudo de pequenas cidades no Norte do Paraná, assim como as conseqüências de ocupação da área e a desmistificação de características atribuídas a essas cidades através da desigualdade social, analisar as formas urbanas na perspectiva histórica, e buscar na diferenciação das áreas destacar os problemas urbanos e sociais relacionados.

## **3. Resultados e Discussão**

A ocupação do Norte do Paraná alterou os índices demográficos e econômicos dessa unidade da federação. Alguns autores sistematizam essa ocupação em três etapas e diferenciando o Norte Pioneiro, Norte Novo e Norte Novíssimo. Embora, não exista unanimidade em aceitar essa classificação, é certo que aconteceram algumas peculiaridades quanto a essas áreas, conforme detalha-se na seqüência.

No Norte Pioneiro, em meados de 1900, a extensão do plantio de café de São Paulo foi o que impulsionou a ocupação da região (OLIVEIRA, 2001). Em 1920, ocorreu a ocupação do Norte Novo, de Cornélio Procópio ao Rio Ivaí, a partir da Companhia de Terras Norte do Paraná, fundada por empresários britânicos empenhados na venda de lotes na região. Além do capital inglês, a

região inicialmente ocupada pelos índios *Kaingangs* e caboclos, despertou interesse do capital japonês (Companhia *Tokushyoku Kumiai* – Bratac e *Nambeï Kabuschiki Kaiasha*) e nacional (Companhia Vale do Ivaí e Companhia Marcondes de Colonização, Comércio e Indústria). O Norte Novíssimo, entre os Rios Ivaí e Piquiri, foi a última área a ser ocupada em 1940 pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, antiga CTNP, comprada por capital brasileiro mediante ação nacionalista do governo Vargas (CASSAGO, 2004).

Toda a atividade cafeeira levou ao surgimento de uma densa e articulada rede urbana no Norte do Estado, parte delas por iniciativa direta da Companhia de Terras Norte do Paraná. A subdivisão dos municípios paranaenses da região Norte reflete no aumento de pequenas e médias cidades, típicas do ciclo do café na região (OLIVEIRA, 2001), conforme apresentadas no Quadro 1.

#### QUADRO 1

Localidades fundadas pela CTNP/CMNP ou terceiros em áreas da empresa no Norte Paranaense no século XX.

Localidades fundadas pela CTNP/CMNP	Localidades fundadas por terceiros em áreas da CTNP/CMNP
<p>Água Boa, <i>Apucarana</i>, Aquidaban, <i>Arapongas</i>, Aricanduva, <i>Astorga</i>, <i>Atalaia</i>, Barão de Lucena, Belém, <i>Bom Sucesso</i>, Cambé, Cambui, Cedro, <i>Cianorte</i>, <i>Cruzeiro do Sul</i>, <i>Doutor Camargo</i>, <i>Floraí</i>, <i>Flórida</i>, Guadiana, Heimtal, Igaritá, Iguatemi, <i>Inajá</i>, <i>Indianópolis</i>, <i>Itacolomi</i>, Ivaitinga, <i>Jandaia do Sul</i>, <i>Japurá</i>, <i>Jussara</i>, <i>Lobato</i>, <i>Londrina</i>, Lovat, Malu, <i>Mandaguari</i>, Marabá, <i>Marialva</i>, <i>Maringá</i>, Maistela, <i>Marumbi</i>, <i>Nova Esperança</i>, <i>Paissandu</i>, <i>Perobal</i>, Pirapó, <i>Presidente Castelo Branco</i>, <i>Rolândia</i>, <i>Sabáudia</i>, <i>Santo Antonio do Caiuá</i>, <i>São João do Caiuá</i>, <i>São Jorge</i>, São Lourenço, São Manoel, São Pedro, <i>São Tomé</i>, <i>Sarandi</i>, Sumaré, <i>Terra Boa</i>, <i>Tuneiras D'Oeste</i>, <i>Umuarama</i>, <i>Uniflor</i>, Valência, Vidigal e Warta.</p>	<p>Altaneira, <i>Alto Paraná</i>, <i>Ângulo</i>, Aparecida, Aparecida D'Oeste, <i>Califórnia</i>, <i>Cambira</i>, Campinho, Ceboleiro, Colombo, Columbia, Copacabana, <i>Cruzeiro</i>, <i>Floresta</i>, Florianópolis, Granada, <i>Iguaraçu</i>, <i>Itambé</i>, <i>Ivatuba</i>, Jussara do Norte, <i>Kaloré</i>, Km 14, <i>Mandaguacu</i>, Nossa Senhora Aparecida, Nova Bilac, <i>Ourizona</i>, Paraná Real, <i>Paranacity</i>, <i>Paranapoema</i>, Pinguim, <i>Pitangueiras</i>, Pombal, Progresso, Pulinópolis, Regina, Santa Fé, Santa Maria, Santo Antonio, São José, São Louis, São Martinho, <i>São Pedro do Ivaí</i>, São Rafael, Sete de Maio, Suissa, Tupinambá, Vera Cruz e Vitória.</p>

Fonte: Carvalho, 2000, p. 69 e 71 extraído de Endlich, 2006, p. 79.

No caso da região do Norte do Paraná, a rede urbana (conjunto de cidades com relações econômicas entre si) derivou de um projeto de ocupação da CTNP/CMNP, onde o objetivo principal era funcionar como polos de desenvolvimento e polos modernizadores, incumbidos pela concentração de pessoas e serviços. (CORDOVIL, 2010).

A Companhia determinou o tamanho e a função de cada núcleo urbano proposto pela mesma, sendo quatro deles polos equidistantes entre si, estruturando toda a rede urbana (CASSAGO, 2004).

Pode-se melhor compreender a atitude da Companhia através do argumento de Kostof (1991) citado por Kazmierzak (2010) de que uma cidade depende da outra de certa forma, ou seja, estão presas em um sistema urbano e em uma hierarquia. Assim, até mesmo as pequenas cidades têm suas vilas dependentes, sendo essa a essência fundamental de comércio e relações públicas. Dessa forma, os aglomerados urbanos dependem um do outro para sobreviver.

Devido às mudanças econômicas do mercado nacional e internacional, o café deixava de ser o produto gerador de grandes riquezas, substituído pela soja como cultura alternativa de produção (OLIVEIRA, 2009). Fajardo (2007) expõe que os ciclos econômicos paranaenses não

ocorreram de forma a suprimir uns aos outros, ou seja, havia atividade de uma ou outra fase ao mesmo tempo, de modo que a crise de uma elevasse a produção da outra. Assim, o esgotamento de uma atividade se daria como um processo de declínio da produção. Com tal característica, se fez necessário pensar na cidade como ambiente de vivência e não apenas de passagem (CASSAGO, 2012).

Com foco nas pequenas cidades que surgiram a partir dessas etapas históricas e suas subdivisões, encontram-se estudos já existentes voltados à morfologia urbana de pequenas cidades paranaenses que apresentam contribuições para essa análise.

Dos diversos trabalhos sobre cidades pequenas, a grande maioria procura identificar a natureza e o significado dos papéis urbanos assumidos por estas realidades. Para tanto, os pesquisadores fazem uso da análise da rede urbana, que subsidia o entendimento dos processos ligados à economia, à urbanização, à divisão territorial do trabalho e aos aspectos funcionais (MOREIRA JUNIOR, 2013).

Para Endlich (2006), o conceito de pequenas cidades é de difícil elaboração, pois oferecem elementos para a discussão do conceito de pequenas cidades como o próprio conceito de cidade, sendo assim avaliados os qualificativos que devem compor o limiar de cidade e não cidade. Também podem apresentar um caráter temporário para muitos pela ocorrência da migração em etapa.

Moreira Junior (2013) aponta que alguns aspectos despontam na apreciação da dinâmica interna das cidades pequenas. A estrutura de alguns municípios está ligada essencialmente às atividades agropecuárias, principalmente quando nos referimos às cidades pequenas de regiões não metropolitanas.

Em suma, fica claro que refletir sobre a dinâmica interna das cidades pequenas engloba pensar os conteúdos sociais, políticos, econômicos e ideológicos presentes no processo de produção e transformação do espaço urbano. Desse modo, modificações na morfologia e nos conteúdos sociais são adicionados ao espaço urbano das cidades pequenas. Recebem formas, objetos, conteúdos e problemas (violência, insegurança, drogas, pressão imobiliária, favelização etc.), que até então não faziam parte da sua paisagem. Exemplos disto são cidades pequenas que apresentam índices elevados de violência; aquelas que atualmente abrigam presídios gerando, dentre outros, problemas de segurança; as que já evidenciam o aparecimento de favelas ou áreas de ocupação irregular; além de outros diversos problemas econômicos e sociais. Este conjunto de cidades representa, portanto, espaços muito mais complexos e heterogêneos do que se pode inferir. (MOREIRA JUNIOR, 2013, p. 11).

A morfologia e os conteúdos sociais citados por Moreira Junior (2013) podem ser relacionados aos mitos citados por Chagas (2010), onde aponta pequenas cidades como “cidade tranquila”, “espaço em que as relações sociais desenvolvem uma proximidade cultural maior”, “local onde todos se identificam”, “onde todos sabem da vida de todos”, ou ainda “cidade para relaxar”, “paraíso de idosos e aposentados”, “onde as relações entre poder público e sociedade apresentam um clientelismo mais arraigado”.

O território e a morfologia urbana, por meio de uma expressão essencialmente material e concreta, podem contribuir na desmistificação das interpretações equivocadas das condições sociais e humanas vivenciadas em cidades pequenas (ENDLICH, 2011). Baseando-se no referencial de Capel (1983) para o estudo da morfologia urbana, Endlich (2011) aponta para a apreensão da dinâmica do autor para diversas realidades, possibilitando assim uma análise da morfologia urbana em pequenas cidades.

[...] cada pequena cidade revela as contradições sociais marcadas pela lógica capitalista e que se contrapõem à lógica das necessidades humanas. Tal como afirma Capel, desse processo não escapa nem mesmo as pequenas cidades, o que torna claro que não é uma questão conjuntural, de excesso de população e nem de falta de espaço, mas se trata da expressão material de uma sociedade dividida em classes sociais. (ENDLICH, 2011, p. 10).

A partir da descrição de elementos como o traçado urbano, composição e características dos pequenos centros urbanos, Endlich (2011) analisou pequenas cidades no Norte paranaense onde foi possível comprovar as contradições sociais nelas encontradas.

O núcleo inicial planejado, os conjuntos habitacionais e as áreas de autoconstrução, são três tipos de áreas observadas a partir do plano diretor e da paisagem das pequenas cidades do Norte do Paraná, analisadas por Endlich (2011).

O núcleo inicial planejado trata-se do planejamento minimamente detalhado das cidades, onde é visível a presença de áreas mais organizadas, vias largas e quarteirões e lotes mais amplos, porém, a partir do crescimento populacional e concentração na sede dos municípios, as áreas inicialmente planejadas foram insuficientes. Os conjuntos habitacionais tratam-se de moradias por iniciativa estatal, fazendo parte da arquitetura e paisagem de cidades da região Norte Paranaense, sendo afastadas do núcleo inicial e posteriormente sendo integradas ao mesmo. Por fim, as áreas de autoconstrução tratam-se de demandas por moradias dos próprios moradores, que criam nessas cidades bairros de autoconstrução marcados pelo imprevisto e pobreza, em lotes irregulares e afastados do núcleo inicial (ENDLICH, 2011).

### **3.1. Astorga**

A divisão territorial do Estado do Paraná adotada pelo IBGE em 2012 define Astorga como município pertencente à Microrregião Geográfica de Astorga e à Mesorregião Geográfica Norte Central Paranaense, conforme Figura 1 e 2, respectivamente (IPARDES, 2012).

A Mesorregião Norte Central Paranaense possui uma extensa rede viária. Essa infraestrutura permitiu a consolidação de uma rede urbana evidenciada em cidades de variados níveis de centralidade (PARANÁ CIDADE, 2007).

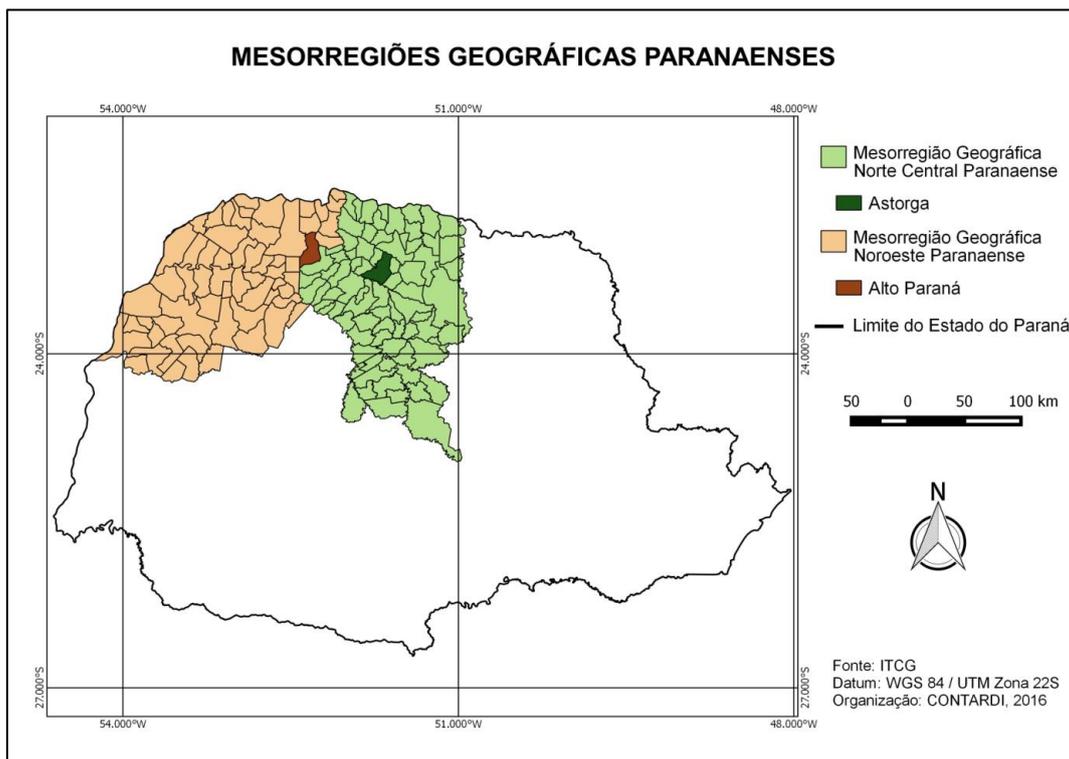


FIGURA 1: Mesorregiões Geográficas Paranaenses, 2016. Fonte: Contardi, 2016.

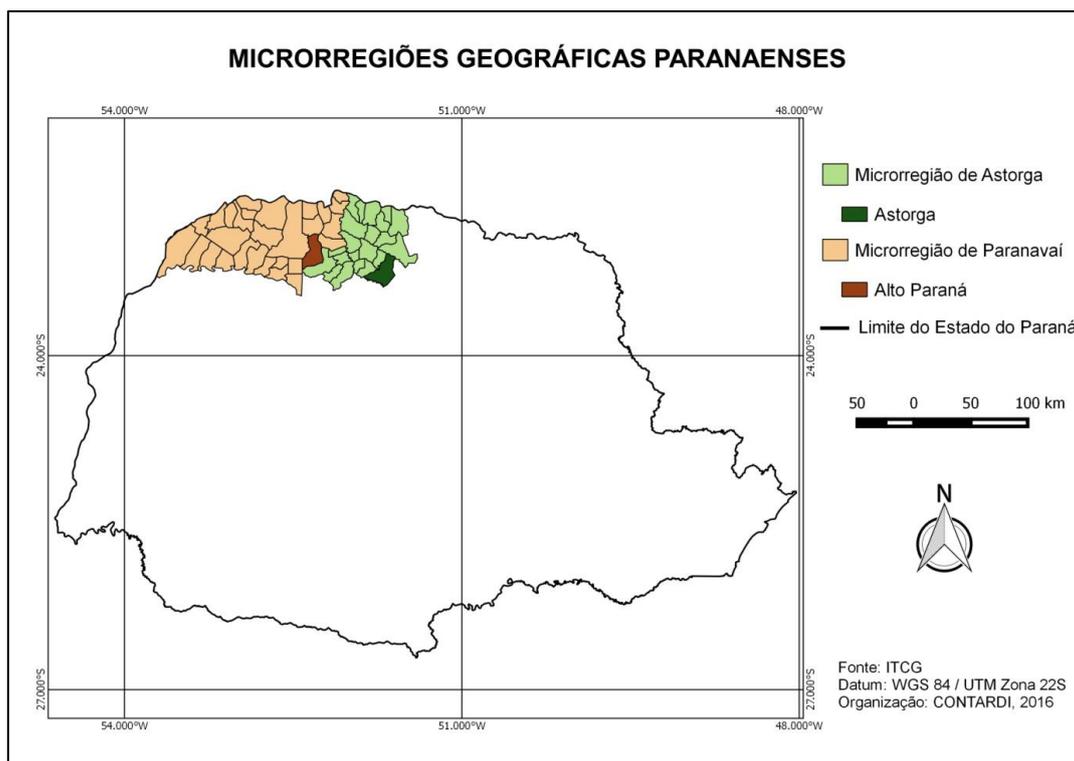


FIGURA 2: Microrregiões Geográficas Paranaenses, 2016. Fonte: Contardi, 2016.

Astorga teve sua formação a partir da colonização dirigida, ou seja, previamente planejada. Esse tipo de colonização se divide em duas formas: a particular, representada pela Companhia de Terras Norte do Paraná; e a oficial, por iniciativa do governo, como logo será abordada sobre a Colônia Içara (LIMA, 2008).

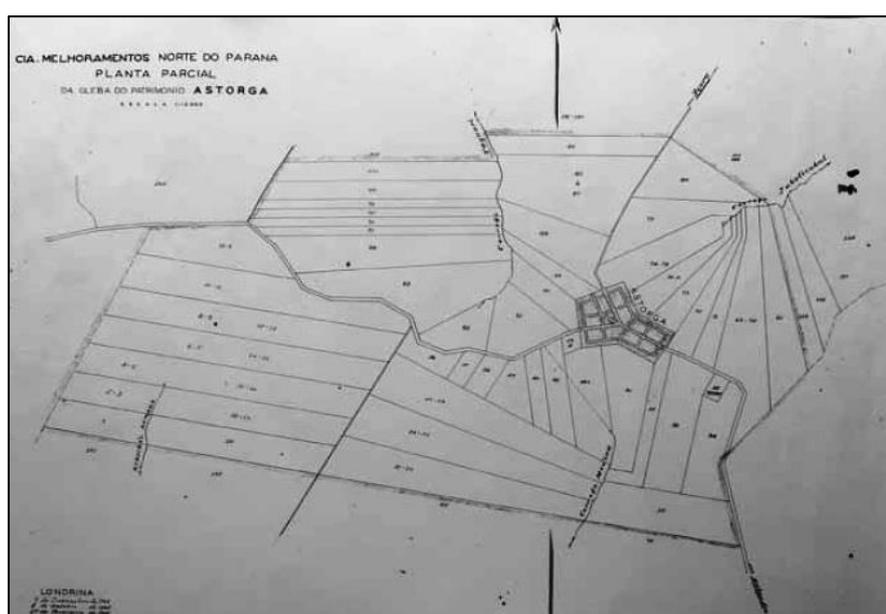
Lima (2008) destaca a importância dos trilhos da Companhia Ferroviária São Paulo – Paraná, que avançavam do Estado de São Paulo para o Norte do Paraná, como meio de transporte para os imigrantes chegarem até a região e o transporte de café.

Conforme o Paraná Cidade (2007), o município de Astorga situa-se na área colonizada pela Companhia de Terras Norte do Paraná, sobre as Glebas Ribeirão Pimpanela (primeiramente colonizada), Ribeirão Paranaguá, Ribeirão Astorga e Ribeirão Aurora.

A Colônia Içara, porção Norte do município, onde estão atualmente os distritos de Santa Zélia e Içara, teve iniciativa por parte do Estado. Ela surgiu em 1939, no governo Vargas, na qual retirou o direito de algumas empresas colonizadoras continuarem responsáveis pela colonização. Assim, a Concessão Alves de Almeida, a qual pertencia a Colônia Içara, perdeu seus direitos e transfere-os para o Estado do Paraná, e por empreendimento do Estado, houve a implantação na Colônia das vilas de Içara (1939) e Santa Zélia (1944), com parcelamento dos lotes destinados à área urbana (vila) e para zona rural e semiurbanas (chácaras) (LIMA, 2008).

A companhia seguiu uma diretriz que estabelecia que a cada 100 km fossem fundadas cidades destinadas a se tornarem núcleos regionais (assim surgiram Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama) e entre estas cidades, com distâncias de 10 a 15 km, seriam fundados patrimônios que funcionariam como centros comerciais e abastecimentos intermediários (LIMA, 2008).

Vladimir Babkov, engenheiro agrônomo chefe do Departamento de Topografia e Procurador da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, elaborou em 1945 o projeto inicial do patrimônio de Astorga em forma de triângulo, perfazendo uma área de 239.580 metros quadrados (Figura 3). Babkov também foi responsável pela escolha do nome da cidade, o engenheiro utilizou o mapa da Espanha indicando a Cidade de Astorga, para denominar o projeto de “Patrimônio Astorga”, instalado em 1945 (PARANÁ CIDADE, 2007).



**FIGURA 3:** Planta parcial da Gleba do patrimônio Astorga, 1946. Extraído de: Rosaneli, 2009, p. 131.

Assim, em 1947 o Patrimônio de Astorga foi elevado à condição de Vila e criou-se o Distrito de Astorga pertencendo ao município de Arapongas. Em 1948 lança-se a cidade de Tupinambá a partir da iniciativa terceirizada de um milionário ucraniano que decidiu ter o próprio projeto de colonização na década de 1940 no eixo entre Astorga e Maringá (IBGE, 2015a), depois em 1951 com o desmembramento de Arapongas, o Distrito de Astorga é elevado a Município, criado através da Lei Estadual nº 790/ 1951, onde foi instalado oficialmente em 14 de Dezembro de 1952, e anexado em 1954 o Distrito de Tupinambá, então, a partir de 1955 Astorga passa a ser formada pelos distritos de Astorga, Santa Zélia, Içara e Tupinambá (LIMA, 2008). Este último não teve o desenvolvimento esperado pelo seu empreendedor e permaneceu como distrito. A Figura 4 evidencia a Sede do município de Astorga e seus distritos.

O traçado urbano inicial da cidade de Astorga, feito pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, corresponde a menos de 20% da área urbanizada atual da cidade (Figura 5) (PARANÁ CIDADE, 2007).

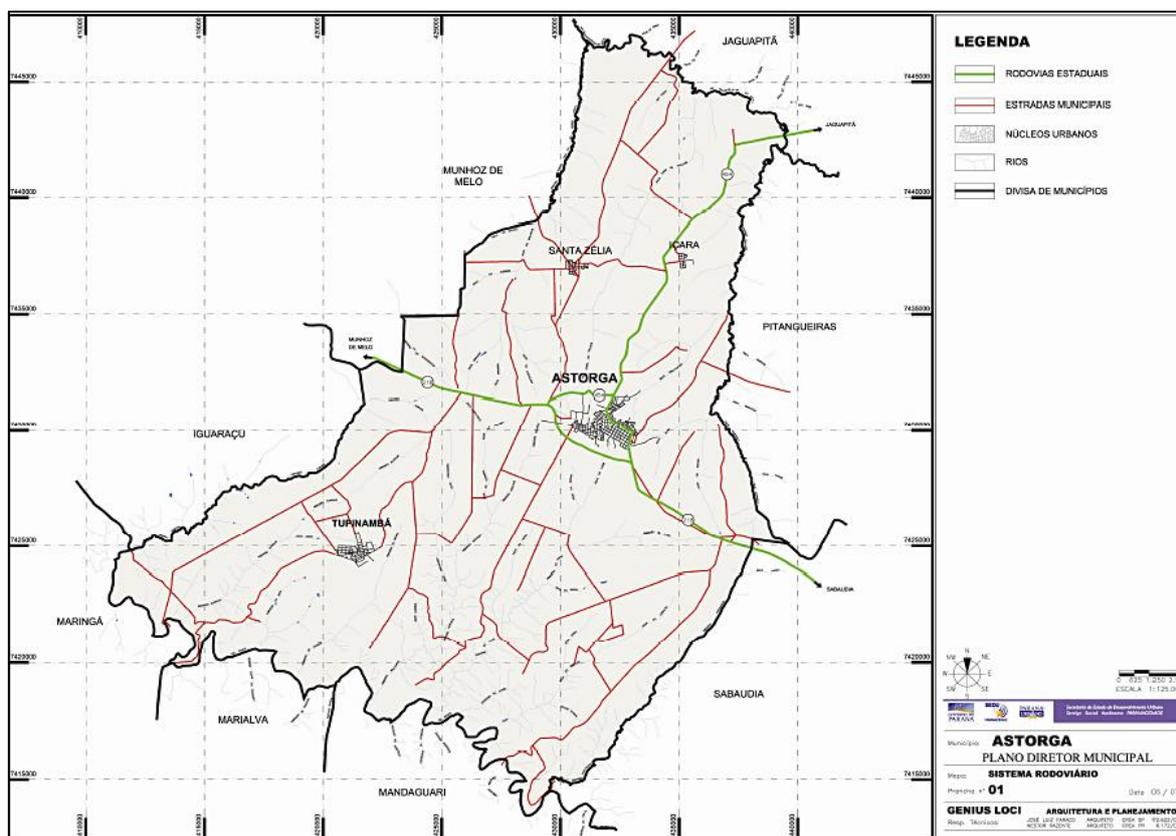
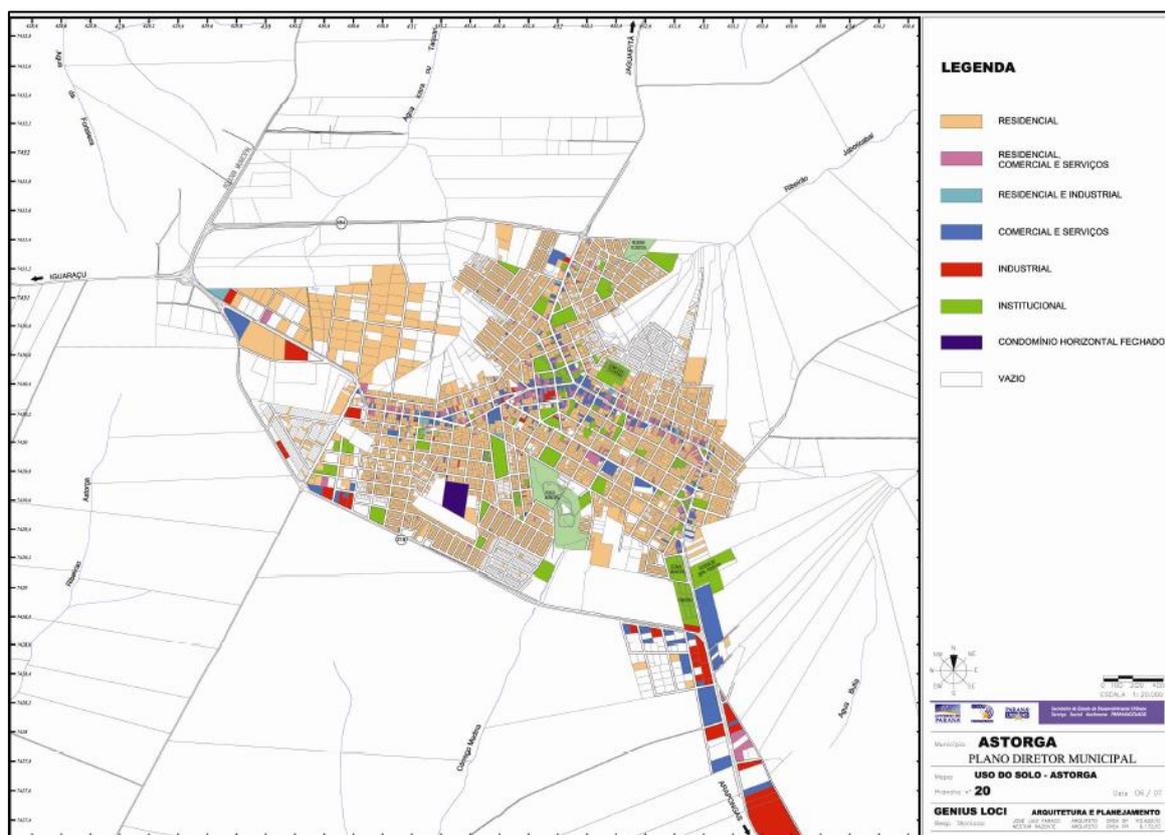


FIGURA 4: Mapa do Município de Astorga, 2007. Extraído de: Paraná Cidade (2007).



**FIGURA 5:** Mapa evidenciando a expansão da cidade de Astorga, 2007. Extraído de: Paraná Cidade (2007).

Em síntese, as vilas de Santa Zélia e Içara foram projetadas pelo Estado, a cidade de Astorga pela CTNP/CMNP e Tupinambá pelo colonizador ucraniano João Chmreha, na qual todas obedeciam a um traçado comum: a malha ortogonal (LIMA, 2008).

Em Astorga, a identificação das áreas afastadas do núcleo inicial planejado é mais evidente, pois apresenta o desaparecimento da preocupação pela perspectiva e pelo traçado, para facilitar a venda e parcelamento dos lotes, abordado por Capel (1983).

Lima (2008) analisa que segundo o Censo de 1950, Astorga já contava com uma população total de 23.164 habitantes, passando por declínio populacional em 1980, crescendo lentamente. Isto se justifica com a fase áurea do café no Norte do Estado do Paraná, tornando-se uma atração, e quando a economia cafeeira entra em declínio, há repulsão. Assim, o maior declínio populacional se deu entre 1970 e 1980, quando há a erradicação quase que total do café.

Atualmente, Astorga possui em conjunto com os distritos de Santa Zélia, Içara e Tupinambá 24.698 habitantes (IBGE, 2010). Com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,750, considerado Alto na média Paranaense, determinado pelos seguintes indicadores: educação, renda e longevidade. Tornou-se uma cidade industrial, além dos setores de comércio e serviços, e o agronegócio com grande representatividade econômica (ALVES, 2011).

A expansão da cidade até a década de 1960 se deu de forma relativamente ordenada. Nas décadas seguintes ocorreu a dispersão dos loteamentos e conjuntos habitacionais e a ocupação de áreas menos propícias à urbanização, como áreas com declividade acentuada (Figura 6) (PARANÁ CIDADE, 2007).

A partir da década de 1980, iniciou-se a atuação do Estado com a construção dos conjuntos habitacionais. Os conjuntos trouxeram consigo a diminuição do tamanho dos lotes, problemas e dotação de infraestrutura como precariedade na rede de esgoto e elétrica, e em alguns casos descontinuidade do sistema viário (PARANÁ CIDADE, 2007).

Levantamento realizado pela COHAPAR indicava para o ano de 1997 a existência de um núcleo de favela com número estimado de 21 famílias. A área indicada, nas proximidades do Horto Municipal, sofreu intervenções do poder público municipal, realocando os moradores para o conjunto residencial João Juliani. Assim, no presente, não existem favelas no Município de Astorga. [...] Tal realidade deve-se aos investimentos públicos realizados em habitação, que produziu 1.525 unidades nos últimos 25 anos. (PARANÁ CIDADE, 2007, p. 143 e 144).

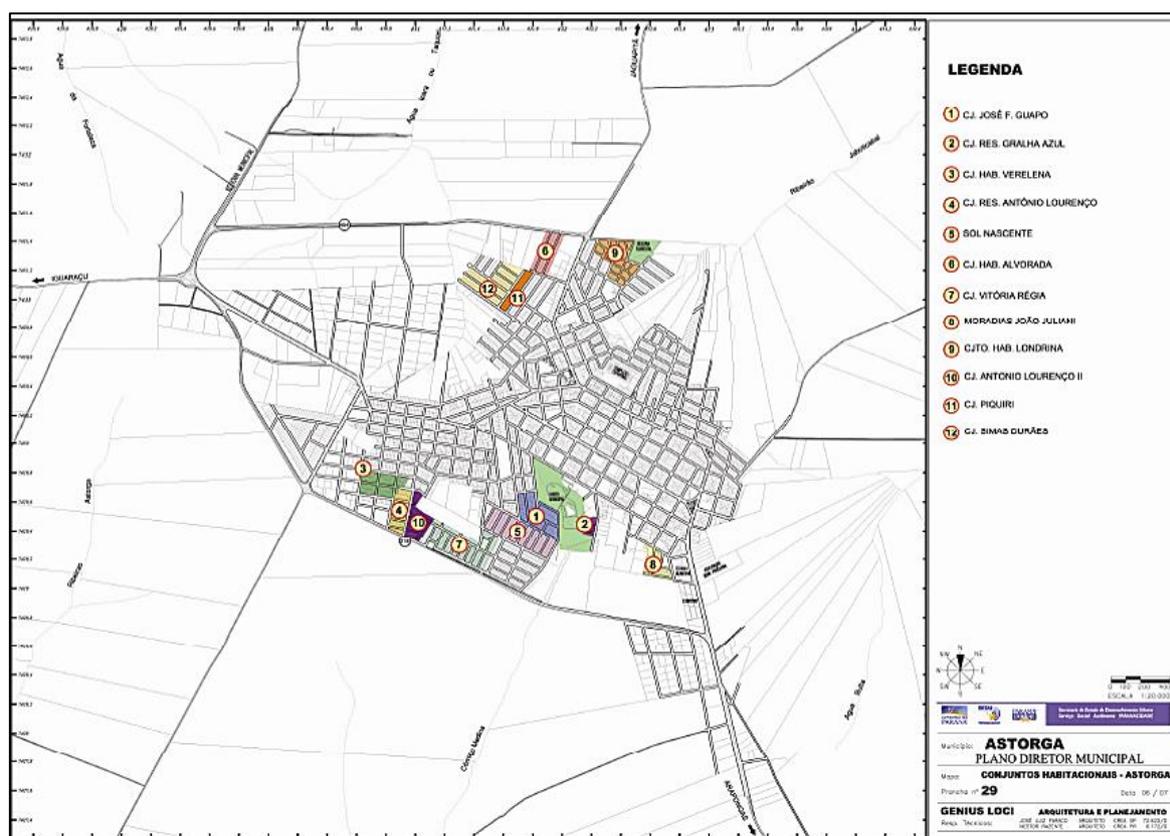


FIGURA 6: Conjuntos Habitacionais em Astorga, 1980 - 1990. Extraído de: Paraná Cidade (2007).

Porém, conforme visita a cidade de Astorga realizada no dia 07 de dezembro de 2015, foi possível notar que não houve a remoção dos moradores do Conjunto Gralha Azul (Figura 7 e 8) para o Conjunto Residencial João Juliani. O padrão arquitetônico referido como favela pelo Plano Diretor encaixa-se como conjunto habitacional com autoconstruções.



**FIGURA 7:** Astorga, Rua Gaivotas no Conjunto Galha Azul, 2015. Fonte: Contardi, 2016.



**FIGURA 8:** Astorga, Rua Gaivotas no Conjunto Galha Azul - Núcleo de favela, 2015. Fonte: Contardi, 2016.

O Conjunto Residencial João Juliani, instaurado em 2003, foi um projeto habitacional elaborado pelo programa Casa da Família/PSH, com a colaboração da Caixa Econômica Federal, responsável pelo financiamento a fundo perdido, o Governo do Paraná, que participa com a contrapartida financeira e serviços para a conclusão das obras, e municípios, que doam os terrenos e obras de infraestrutura (COHAPAR, 2003).

As moradias se destinaram a famílias com renda mensal de até dois salários mínimos, com preferência para as que ganham até um salário mínimo por mês e o financiamento foi do Programa de Habitação de Interesse Social (PSH) da Caixa, com prestação de no máximo 15% do salário mínimo e prazo de 72 meses (COHAPAR, 2003).

O público-alvo do Casa da Família/PSH foram famílias que ocupavam submoradias, na qual foram construídas por autogestão comunitária, em que os mutuários formaram associações para

comprar o material e contratar a mão de obra. Todos os empreendimentos estão inseridos na malha urbana dos municípios (COHAPAR, 2003).

Segundo a Cohapar (2010), o Governo do Paraná viabilizou a construção de casas populares em quatro regiões do Estado, dentre elas a região de Astorga, estabelecendo parceria entre os três órgãos públicos (federal, estadual e municipal), para a implantação do programa Minha Casa Minha Vida nessas regiões. Os recursos para a execução das obras vieram da Caixa Econômica Federal, pelo sistema Imóvel na Planta.

Os municípios fizeram as licitações para a construção das moradias, o cadastramento e a seleção das famílias, e a Cohapar prestou toda assistência técnica e social necessária, além dos projetos arquitetônicos e urbanísticos (COHAPAR, 2010).

Astorga passou 11 anos sem nenhum novo investimento em habitação popular. A situação começou a mudar com a aproximação do governo estadual em 2011 e, atualmente, os projetos já somam 276 novas moradias populares, ultrapassando de R\$ 2,1 milhões investidos (COHAPAR, 2015a).

### **3.2. Alto Paraná**

Alto Paraná localiza-se na região Noroeste do Estado do Paraná, pertence à Microrregião Geográfica de Paranavaí e Mesorregião Geográfica Noroeste Paranaense (Figura 1 e 2), de acordo com a classificação a divisão territorial do IBGE (PARANÁ CIDADE, 2011).

A cidade de Alto Paraná foi fundada pela Imobiliária Ypiranga, de Boralli & Held, que na década de 1940 adquiriram áreas de terra do Norte Novo paranaense da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (IBGE, 2015b), implantando em agosto de 1948, o marco fundamental. Adotando o nome de Alto Paraná pelo município estar localizado na bacia hidrográfica do Alto Paraná (CAMARA MUNICIPAL DE ALTO PARANÁ, 2005 - 2008).

Em 1949, Alto Paraná era apenas um povoado, elevou-se em 1951 a Distrito Administrativo do Município de Nova Esperança. Em 1953, foi elevado à categoria de município, desmembrou-se de Nova Esperança, pela Lei Estadual 1.190/1953, instalado em 05 de maio de 1954 em uma área de 394 km<sup>2</sup> (IBGE, 2015b).

Pela Lei Municipal nº 37/1955, foram criados os distritos de Maristela e Sumaré, com terras anexadas ao município de Alto Paraná. Em 1958, foi criado o distrito de Santa Maria, com terras desmembradas do distrito de Sumaré e anexado ao município de Alto Paraná. Pela Lei Estadual nº 4717/1963, transferiu-se o distrito de Sumaré do município de Alto Paraná para o de Paranavaí. Na divisão territorial em 1963, o município era constituído por três distritos: Alto Paraná, Maristela e Santa Maria, e assim permanece até hoje (IBGE, 2015b).

Destinada a ser a penúltima cidade fundada pela Cia Melhoramentos Norte do Paraná, no itinerário Londrina – Paranavaí, Maristela, era sede do Distrito Administrativo, quando Alto Paraná pertencia à Nova Esperança. A partir de implicações da elevação do município de Alto Paraná pelo

seu desenvolvimento, Maristela se tornou distrito do município em 1956. Já o reduto urbano de Santa Maria, criado em 1958, foi a última localidade construída na área do município, distanciando-se 30 km da sede de Alto Paraná (CAMARA MUNICIPAL DE ALTO PARANÁ, 2005 - 2008).

Em 1948 chegaram os primeiros colonos vindos principalmente do Sul ao município de Alto Paraná, na qual os Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul contribuíram significativamente com a colonização. A Imobiliária Ypiranga providenciou a infraestrutura necessária, essenciais à comunidade (IBGE, 2014).

As geadas periódicas contribuíram para desestimular os lavradores de café, transferindo-se para grandes centros e outros estados, desencadeando um processo de esvaziamento populacional da região (CAMARA MUNICIPAL DE ALTO PARANÁ, 2005 - 2008). Nesse processo, o café dá lugar a outras culturas e à pecuária na cidade de Alto Paraná (PARANÁ CIDADE, 2011).

No ano de 1960, o município contava com 25.566 habitantes e em 1968 possuía 43.915 habitantes. Com a substituição da cultura do café, por uma produção agrícola mecanizada, ocorreu o êxodo rural. Consequentemente, houve diminuição da população nas décadas de 1970 e 1980 (CAMARA MUNICIPAL DE ALTO PARANÁ, 2005 - 2008). Hoje, Alto Paraná conta com uma população de 13.663 habitantes, em conjunto com seus distritos (IBGE, 2010).

O traçado urbano obedeceu a um conjunto de vias ortogonais, mostrando-se adequado às características do relevo. A ortogonalidade das vias facilita a continuidade das mesmas, a orientação e a apreensão do espaço urbano, bem como maior regularidade no traçado dos lotes (Figura 9 e 10) (PARANÁ CIDADE, 2011).

Conforme os dados do Paraná Cidade (2011), a sede do município de Alto Paraná foi toda implantada no ano de 1948, com exceção dos conjuntos habitacionais situados na porção noroeste da malha urbana. Na década de 1980 foram implantados os conjuntos habitacionais Galha Azul I, Verde Rosa e o situado ao lado da caixa d'água. Nos anos 1990, foram implantados os conjuntos Galha Azul II, Novo Horizonte e Cinco de Maio (Figura 10).

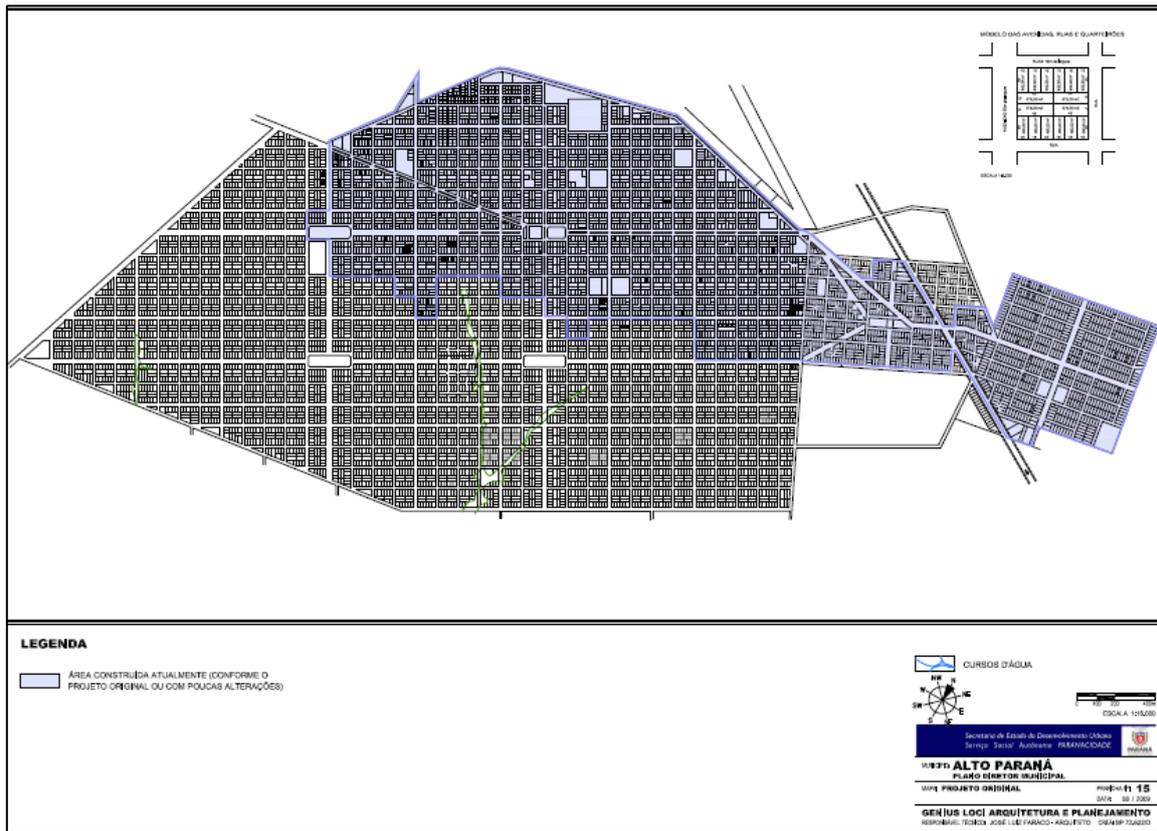


FIGURA 9: Projeto original e área construída da cidade de Alto Paraná, 2011. Extraído de: Paraná Cidade (2011).

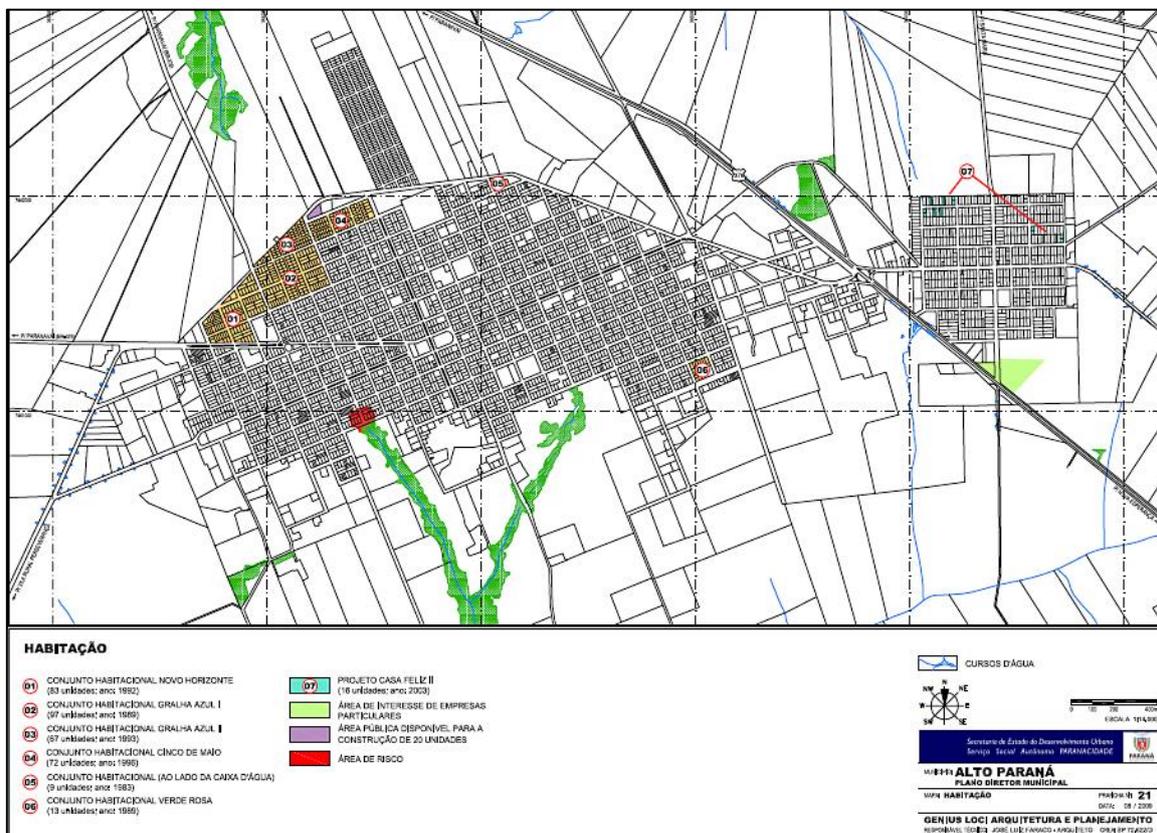


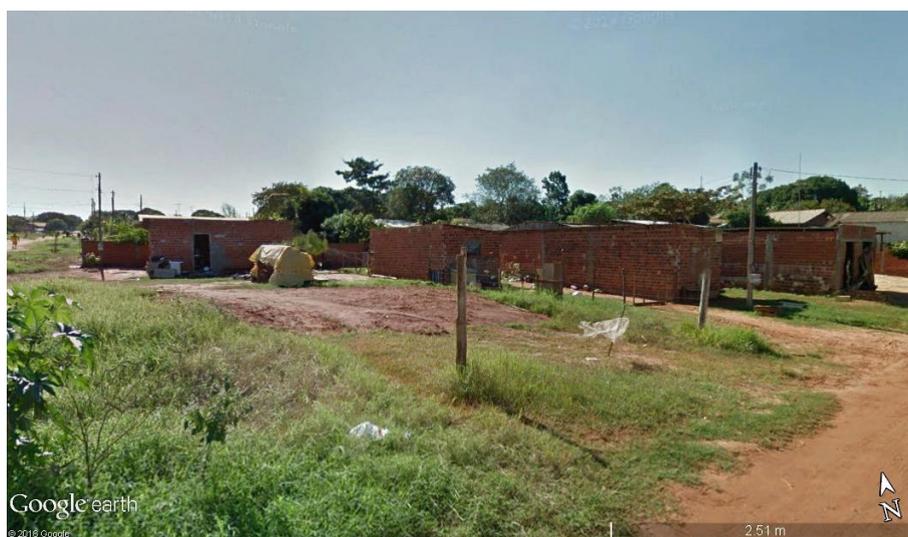
FIGURA 10: Conjuntos Habitacionais de Alto Paraná, 2011. Extraído de: Paraná Cidade (2011).

Pode-se dizer que o crescimento da cidade de Alto Paraná foi homogêneo em relação à malha urbana, porém quanto mais distante do núcleo inicial planejado, a paisagem se torna cada vez mais contrastante, com autoconstruções, sem asfalto, e divisão precária dos lotes, como sinaliza Endlich (2011).

O município não possui favelas. No entanto, existem áreas de ocupação irregular (Figura 11 e 12) decorrente do projeto original de parcelamento, quando muitos lotes foram vendidos no início da colonização e abandonados pelos seus antigos donos, cujo paradeiro hoje é desconhecido. Como consequência, algumas famílias edificaram sobre os lotes e passaram a residir nos mesmos (PARANÁ CIDADE, 2011).



**FIGURA 11:** Alto Paraná, Rua Pedro Américo - Habitações irregulares, 2012.  
Fonte: *Google Earth Pro*, 2016 adaptado por Contardi, 2016.



**FIGURA 12:** Alto Paraná, Rua Estados Unidos - Habitações irregulares, 2012.  
Fonte: *Google Earth Pro*, 2016 adaptado por Contardi, 2016.

Este local está em uma área de risco para habitação, conforme a Figura 10 e é considerada uma área de vazio urbano conforme o Mapa do Uso do Solo presente no Plano Diretor de Alto Paraná.

Alto Paraná também obteve investimentos governamentais para a construção de casas populares. Em 2009, a Cohapar realizou as inscrições no programa Minha Casa Minha Vida, do Governo Federal, onde o município foi beneficiado (COHAPAR, 2009).

Em 2013 foram investidos R\$ 3 milhões para a construção de mais moradias, por meio da Companhia de Habitação do Paraná (Cohapar), da Caixa Econômica Federal e da Prefeitura de Alto Paraná. E em 2015, 64 famílias do município de Alto Paraná, receberam as chaves da casa própria. As moradias também fazem parte do programa Minha Casa Minha Vida e foram construídas por meio da parceria do Governo do Paraná, governo federal e prefeitura e investidos R\$ 2,2 milhões. Segundo a Cohapar, com investimentos de R\$ 7,7 milhões, o município já foi atendido com 278 moradias urbanas, rurais e titulação de imóveis. (COHAPAR, 2015b).

Em suma, nota-se que apesar de investimentos governamentais, o município de Alto Paraná encontra-se em desenvolvimento lento, quase fadado a estagnação, tanto nas condições sociais como físicas, evidenciando o posicionamento de Endlich (2011) sobre interpretações equivocadas em relação ao desenvolvimento dessas cidades, relacionadas principalmente com sua morfologia.

#### **4. Considerações Finais**

Observa-se que há uma amplitude de estudos compreendidos como morfologia. O ponto em comum seria que eles se voltam a forma material em seus diversos aspectos. Este trabalho pautou-se pela materialidade observada via planos urbanos e também como complemento via paisagem, apreendida com trabalho de campo e por recursos disponíveis via Internet.

A morfologia urbana é campo de análise tanto da Arquitetura e Urbanismo quanto da Geografia, onde há desde o estudo do aspecto urbano e suas relações, à compreensão das características físicas e espaciais da cidade, respectivamente. Sendo assim, o tempo e a forma são bases comuns de ambas as linhas de estudo.

Interpreta-se por tempo a história do local, protagonizada por agentes institucionais, culturais, sociais e econômicos no processo de urbanização da época e da área concreta em estudo.

Para o recorte paranaense, os agentes históricos, econômicos e institucionais tiveram grande peso no desenvolvimento da morfologia urbana implantada pelas companhias colonizadoras nas cidades fundadas.

As posições políticas também denotam importância no desenvolvimento da morfologia de uma cidade, evidenciando a divergência do interesse político com as necessidades da população.

A região Norte do Paraná desenvolveu-se por meio da história, da colonização e produção características desde a época de emancipação política paranaense até as adaptações da atualidade. A partir do planejamento de colonização imposto pela Companhia de Terras Norte do Paraná, as pequenas cidades foram aparecendo na região paranaense, efetivando o sucesso previsto pela Companhia para ocupação dessas terras.

A cidade de Astorga e Alto Paraná possuem características semelhantes quanto à organização no espaço, apesar de terem sido planejadas por iniciativas diferentes. Desse modo, observa-se que em decorrência de um planejamento inicial há parte da cidade cujo traçado expressa esse período.

Como consequência dessa colonização, é fácil identificar as áreas em que há falta de acompanhamento do planejamento da cidade, ocasionando disparidade urbana e social de acordo com a malha dos municípios.

As imagens apresentadas mostram que as cidades cresceram por iniciativa de políticas habitacionais e por processos de autoconstrução. São políticas que encontram-se expressas também no plano urbano e na paisagem dos municípios estudados.

Conclui-se então, que a morfologia urbana das cidades de Astorga e Alto Paraná, revelam desigualdades sociais e urbanas, determinadas pela oscilação populacional e econômica desde a fundação das cidades até o período atual. São aspectos característicos e muito ressaltados em grandes cidades, mas encontramos tal desigualdade, ainda que de modo tênue nas pequenas cidades da região. Isso revela que mais do que a falta de planejamento e a intensidade da urbanização, já que nessas localidades ela foi menos intensa que em cidades grandes e médias, tal realidade deve-se a contradição social existente no interior da sociedade brasileira. Ela encontra-se expressa nos espaços urbanos, como materialização desse processo. Em cidades menores não atingem a proporção que possuem em cidades maiores, mas ajudam a revelar a essência desse processo que é a desigualdade social, mais do que uma questão técnica ou de intensidade.

## Referências

ALVES, Renato. **Respostas eficientes no processo de compras da Prefeitura Municipal de Astorga**. Especialização em Gestão Pública - Programa Nacional de Formação em Administração Pública, 2011.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALTO PARANÁ. **História de Alto Paraná**. 2005-2008. Disponível em: <http://cmaltoparana.pr.gov.br/index.php?sessao=e4f4ad1173h1e4&id=73>, acesso em: 17 de março de 2015.

CAPEL, Horácio. **Capitalismo y morfologia urbana en España**. Barcelona. Los Libros de la Frontera, Barcelona, 1983.

CARVALHO, L.D.M. **O posicionamento e o traçado de algumas cidades implantadas pela Companhia de Terras Norte do Paraná e sucessora**, Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. 181p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2000.

CASSAGO, Ana Paula. **Construção da rede urbana no norte do Paraná**. Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Construção de fronteira: Maringá e o norte do Paraná**. Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2012.

CHAGAS, Selton Evaristo de Almeida. **Pequenas cidades e produção territorial: elementos para a discussão geográfica**. Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos, 2010.

COHAPAR, Companhia de Habitação do Paraná, **Notícias Cohapar - Cohapar construirá 1.743 moradias no Paraná**. 2003. Disponível em: <http://www.cohapar.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=244>, acesso em 05 de novembro de 2015.

\_\_\_\_\_, **Notícias Cohapar - Governo viabiliza a construção de 2.058 casas em quatro regiões do Estado**. 2010. Disponível em: <http://www.cohapar.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=1305>, acesso em 05 de novembro de 2015.

\_\_\_\_\_, **Notícias Cohapar - Parceria com o governo estadual permite que Astorga retome construção de casas populares**. 2015a. Disponível em: <http://www.cohapar.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=9749>, acesso em 05 de novembro de 2015.

\_\_\_\_\_, **Notícias Cohapar - Cohapar inscreve 57 municípios no programa Minha Casa Minha Vida**. 2009. Disponível em: <http://www.cohapar.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=1221>, acesso em 06 de novembro de 2015.

\_\_\_\_\_, **Notícias Cohapar - Cohapar entrega 64 casas em Alto Paraná**. 2015b. Disponível em: <http://www.cohapar.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=10122>, acesso em 06 de novembro de 2015.

CORDOVIL, Fabíola Castelo de Souza. **A aventura planejada: engenharia e urbanismo na construção de Maringá, PR, 1947 a 1982**. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. Tese de Doutorado, UNESP, Presidente Prudente, 2006.

\_\_\_\_\_. **Território e morfologia urbana em pequenas cidades: o que revelam?**. Revista Geográfica de América Central, Costa Rica, 2011.

FAJARDO, Sergio. **Estratégias e territorialidade na ação das cooperativas agropecuárias e empresas globais do setor agroindustrial no Paraná**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2007.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, **Censo Demográfico**. 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=41&dados=1>, acesso em 06 de novembro de 2015.

\_\_\_\_\_, **Cidades, Paraná – Alto Paraná – Histórico**. 2014. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=410060&search=parana|alto-parana|infograficos:-historico>, acesso em: 05 de março de 2015.

\_\_\_\_\_, **Biblioteca, Catálogo – Alto Paraná**, 2015b. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/altoparana.pdf>, acesso em 29 de outubro de 2015.

\_\_\_\_\_, **Biblioteca, Catálogo – Astorga**, 2015a. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/astorga.pdf>, acesso em 20 de outubro de 2015.

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. **Relação dos municípios do Estado ordenados segundo as Mesorregiões e as microrregiões geográficas do IBGE – PARANÁ**. 2012. Disponível em: [http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base\\_fisica/relacao\\_mun\\_micros\\_mesos\\_parana.pdf](http://www.ipardes.gov.br/pdf/mapas/base_fisica/relacao_mun_micros_mesos_parana.pdf), acesso em 26 de outubro de 2015.

KAZMIERZAK, Travis. **Learning from the universal experience of cities: best practices for sustainability**. Tese de Doutorado, Ball State University, 2010.

KOSTOF, S. **The City Shaped: Urban Patterns and Meanings Through History**. (First North American Paperback ed.). New York: Time Warner Book Group. 1991.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. sl: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2004.

LIMA, Janete Aparecida. **Geografia do município de Astorga**. Maringá, 2008.

MOREIRA JUNIOR, Orlando. **As cidades na geografia brasileira: a construção de uma agenda de pesquisa**. GEOUSP: espaço e tempo, São Paulo, 2013.

MOUDON, Anne Vernez. **Urban Morphology as an emerging interdisciplinary field**. Urban morphology, Seattle, 1997.

OLIVEIRA, Dennison de. **Urbanização e industrialização no Paraná**. SEED, 2001.

OLIVEIRA, Semí Cavalcante de. **A economia cafeeira no Paraná até a década de 1970**. Vitrine da Conjuntura, Curitiba, 2009.

PARANÁ CIDADE Serviço Autônomo. **Plano Diretor Municipal – Astorga – PR**. Vol. 1. Astorga, 2007.

\_\_\_\_\_. **Plano Diretor Municipal – Alto Paraná – PR**. Vol. 1. Alto Paraná, 2011.

ROSANELI, Alessandro Filla. **Cidades novas da fronteira do café: história e morfologia urbana das cidades fundadas por companhias imobiliárias no norte do Paraná**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2009.